

## **Maria Teresa Nascimento**

Universidade da Madeira

### **Viagens e relatos cruzados *Nos Passos de Magalhães***

São muitas as obras de autores portugueses publicadas nos últimos dez anos em Portugal no âmbito da literatura de viagem. Na maior parte dos casos, encontramos, contudo, perante criações isoladas, nas quais não perspectivamos qualquer continuidade. De atributos desiguais, não deixam, ainda assim, de significar a constante apetência por um género que ao longo dos séculos tem conseguido manter uma excepcional vitalidade. Apesar de esbatidas as distâncias geográficas, de o desconhecido estar cada vez mais ao nosso alcance, o leitor continua a gostar de assim viajar. Tanto mais, quanto mais longe...

Gonçalo Cadilhe tem, desde 2005, data da publicação de *Planisfério Pessoal*, concorrido de forma regular para sustentar este filão na literatura, do qual não está ausente um certo pragmatismo, que vem partilhando com os seus leitores. O prazer de viajar é, desta forma, susceptível de se concretizar por via de desígnios de natureza profissional, que encontram suporte na escrita, convertida em projecto de colaboração habitual com diversos periódicos. Afinal, Cadilhe talvez não esteja assim tão longe de alguns dos primeiros autores de relatos de viagem, feitos viajantes por conta de outrem. Com uma diferença, porventura, o projecto de viagem será, nele, pessoal, mesmo quando se seguem os passos de alguém, os de Magalhães, cinco séculos depois, ao querer evocar a figura de um dos mais célebres navegadores de todos os tempos, a “sua tremenda qualidade heróica e épica<sup>1</sup>”.

*Nos Passos de Magalhães*, de 2008, representa, no conjunto da

---

<sup>1</sup> Gonçalo Cadilhe, *Nos Passos de Magalhães* (Lisboa: Oficina do Livro, 2008), p.12.

produção de Gonçalo Cadilhe, a obra em que as questões de ordem financeira se antevêm como os maiores entraves ao desenvolvimento do projecto de viagem, onerado pelo facto de, tal como se afirma na *Nota Introdutória*, parecer que Fernão de Magalhães tinha estado em todo o lado. Com poucas excepções, porém – como a da supressão da passagem por Quíloa, justificada por nela não haver já marcas da passagem portuguesa, apagadas que foram, pouco tempo depois de ter sido erigida a antiga fortaleza, – o caminho de Cadilhe há-de repetir o de Magalhães.

O propósito distinto do das obras anteriores “Eu não ia navegar nem refazer um itinerário histórico, ia tocar os sítios mais importantes da vida do português<sup>2</sup>” legitima, por isso, a mudança de opção no modo habitual de viajar de Cadilhe. O transporte aéreo será, agora, o privilegiado, com consequências visíveis na escrita, incapaz de reflectir, consequentemente, a deslocação do sujeito-viajante, excepto a que é intrínseca à sua presença num dado lugar.

*Nos Passos de Magalhães* não se assemelha a nenhum outro livro de Gonçalo Cadilhe. Percebemo-lo, desde as primeiras páginas, ainda na Nota Introdutória, na qual se aponta como preparação para esta viagem, a consulta de um índice remissivo, pertencente a obra não mencionada, como forma de acesso à longa relação dos lugares percorridos pelo navegador, a que se junta a necessária pesquisa sobre a sua vida e a sua época. E a comprová-lo, eis o aparato bibliográfico com que termina o livro, cuja escrita resulta do cruzamento de várias fontes, desde as constituídas pelos cronistas da armada, de entre os quais avulta, naturalmente, Antonio Pigaffeta, até às dos ensaístas actuais.

Visível se tornou, desde as primeiras publicações de Cadilhe, não apenas o seu gosto pela leitura, mas igualmente a relação indissociável que ela estabelece com a sua escrita. A lembrança de Magalhães chegaria, por exemplo, a meio do Oceano, através da leitura de John Chambers, feita a bordo de um cargueiro em *Planisfério Pessoal*<sup>3</sup>.

Os livros, objecto de lazer e companheiros inseparáveis de longas

---

<sup>2</sup> *Idem*, p. 10.

<sup>3</sup> Gonçalo Cadilhe, *Planisfério Pessoal* (Lisboa: Oficina do Livro, 2005), p. 132.

viagens pelo mundo fora, proporcionam igualmente o complemento do olhar do autor sobre os lugares que atravessa, quando não mesmo às vezes o substituto de tal percepção. Nunca, contudo, anteriormente verificámos esta relação de essencialidade entre o texto de Cadilhe e a leitura de outras obras sem as quais, agora, nem a definição do traçado da viagem de Magalhães poderia fazer-se, nem tão pouco a da que ele próprio empreendeu. A narrativa é, afinal, como tantas vezes no texto se afirma, uma biografia viajada ou uma biografia itinerante, ou noutros termos, uma reconstituição, em movimento, de uma vida, também ela, em movimento. Cabe-nos analisar aqui a combinação destas duas componentes: a da vida e a da viagem.

Começemos pelo princípio e por aquilo que é já viagem em Gonçalo Cadilhe, sem o ser ainda em Magalhães, a busca dos vestígios do navegador em Sabrosa, adivinhados numa casa que apenas uma placa descerrada pela embaixada do Chile retira do olvido. Cadilhe não sabe, como não sabem outros autores, se é esta efectivamente a terra natal, mas Sabrosa parece ser uma boa opção. Agrada-lhe, simplesmente. E a partir daqui está inaugurada a viagem, nesta que consideramos a primeira parte do relato<sup>4</sup> coincidente com o que terá sido o percurso de Magalhães ao serviço ainda de Portugal. Acompanhemos o narrador e registemos uma opção singular em termos de reconstituição daquela que poderia ter sido a capital portuguesa do tempo. Guiado por Anísio Franco, historiador do Museu de Arte Antiga, dirige-se ao Museu do Azulejo e *caminha* com ele – é este o verbo usado – ao longo do painel de vários metros onde se encontra representada Lisboa anterior ao terramoto. A maquete da cidade, no Museu do seu nome, constitui igual estratégia de revisitação do passado, bem reveladora desta tentativa arqueológica de Cadilhe de cartografar os lugares da época de Magalhães.

Quando Fernão de Magalhães parte, em 21 de Setembro de 1519, para a viagem de circum-navegação que haveria de o imortalizar, deixava já para trás uma importante folha de serviços à Coroa Portuguesa

---

<sup>4</sup> Na verdade, a estruturação da obra é outra e faz-se de acordo com coordenadas geográficas que dão lugar às partes seguintes: Portugal, África Oriental, Oriente, Atlântico Norte, Atlântico Sul, Pacífico, O Globo Todo.

do tempo de D. Manuel, na África Oriental, primeiro, em várias partes do Oriente, depois, talvez, até às Molucas. De regresso a Lisboa, eí-lo, novamente de partida, desta vez, rumo ao Norte de África, até Mazagão e Azamor, após o que, desiludido ou perseguido pelo desfavor do monarca português, dará início a uma outra etapa na sua vida e no livro, aquela em que se dirigirá ao reino de Castela, oferecendo os seus valimentos ao Imperador Carlos V.

A terceira parte, relativamente já a meio do livro, não compreenderá nos seus limites a viagem de circum-navegação. A história do navegador acabou antes, em Mactan, e a Gonçalo Cadilhe não compete acompanhar Sebastián del Cano.

Embora a sintaxe narrativa do livro seja irredutível a um modelo esquemático, podemos, contudo, apontar algumas invariantes semânticas na construção dos diversos capítulos: a saber, o jogo da dinâmica espacio-temporal e o perfil do biografado, onde se movem quer este, quer o próprio narrador. Entre um e outro apenas o espaço coincide: o terreno. A distância temporal entre a viagem de Magalhães e a de Cadilhe, a impossibilidade natural de reproduzir as condições da primeira, aliada ao diferente modo de viajar, como já sublinhámos, são factores determinantes para a especificidade da escrita deste livro.

Fazer a biografia de Magalhães não significa só para Cadilhe *tocar* (com todas as virtualidades semânticas que o termo comporta) as terras por onde ele viajou, mas também imaginar aqueles que poderiam ter sido os sentimentos ou emoções do navegador, de mistura com os seus, quase cinco séculos depois, condicionados pelo olhar avaramente lançado sobre o presente, marcado pela inevitável passagem do tempo na topografia e na toponímia, não raras vezes ponto de partida para essa escavação arqueológica rumo ao passado, não apenas histórico, mas também geográfico e cultural.

Cada capítulo evidencia, assim, a reescrita dos dados disponíveis sobre os passos do navegador. A vida de Magalhães está suficientemente distante para conferir legitimidade às conjecturas, nomeadamente às do foro anímico, imprimindo à narrativa uma esfera subjectiva que atravessa todo o registo biográfico, na tentativa de fazer conhecer ao leitor o perfil possível daquele que realizou um dos maiores feitos de navegação desde a Antiguidade. Diz o narrador: “O perfil psicológico de Fernão

de Magalhães resulta de meras conjecturas.<sup>5</sup> Factos provados somam-se às opiniões e, quando falham as certezas, aventam-se hipóteses, as de Cadilhe e as de outros autores. Tudo ao serviço de uma caracterização imaginável – “Ninguém sabe realmente como era ele por dentro.”<sup>6</sup>

Como já tivemos ocasião de afirmar:

(...) o texto, [constituído por uma extensa rede de citações] ganha (...) uma especificidade própria, diversa da de qualquer um dos livros anteriores de Cadilhe, não apenas porque à voz deste se junte a de outros, ou que na sua viagem solitária ecoe a de há séculos atrás, mas porque a dinâmica da viagem parece subsumir-se à do registo histórico e geográfico.<sup>7</sup>

O equilíbrio a que se refere Cadilhe, “metade História, metade viagem partilhada”, parece-nos, por isso, quebrar-se, sobretudo se tivermos em conta o espaço que no discurso uma e outra ocupam.

A partir de San Lúcar, pode Gonçalo Cadilhe contar com uma fonte privilegiada, a do cronista Pigafetta, com o qual o seu texto várias vezes dialoga: pela citação, pela paráfrase ou simplesmente pela crítica.

É confessada a dívida de Cadilhe ao cronista:

Pigafetta garantiu o lugar devido na História ao seu capitão e desmascarou os que o traíram. Essas histórias que ele contou serão aqui também relatadas nas próximas páginas<sup>8</sup>.

A importância do texto de Pigafetta situa-se, em nosso entender, a dois níveis, para Cadilhe. Por um lado, o cronista oficial da armada viveu por dentro todos os acidentes da viagem. Sentiu com a tripulação

---

<sup>5</sup> Gonçalo Cadilhe, *Nos Passos de Magalhães* (Lisboa: Oficina do Livro, 2008), p.161.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> Maria Teresa Nascimento, “Gonçalo Cadilhe – Profissão: Viajante-escritor”, *Actas do VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Lit.Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas* (Universidade do Minho: 2009), p. 6, disponível em [http://ceh.ilch.uminho.pt/Pub\\_Maria\\_Jesus\\_Nascimento.pdf](http://ceh.ilch.uminho.pt/Pub_Maria_Jesus_Nascimento.pdf) (acedido em 15 de Janeiro de 2011)

<sup>8</sup> Gonçalo Cadilhe, *Nos Passos de Magalhães*, *op.cit*, p. 102.

os seus problemas, os seus anseios e alegrias. Por outro lado, a ele coube registar o caminho e olhar cada novo ser com a relatividade das diferenças culturais conhecidas. À distância de cinco séculos, esse outro já não existe e se Cadilhe o lembra terá que o fazer pelos olhos de Pigafetta, ainda que seja para recusar a sua subjectividade, para denunciar o que no seu relato existe de relativo e de intencionalmente exagerado. Lembramos a esse propósito o passo respeitante ao aparecimento dos Patagões e às referências que faz o italiano à sua desmesura, algo que a posteridade viria a conseguir corrigir. O propósito de Pigafetta é claro, diz Cadilhe: “entreter o europeu”<sup>9</sup>. E o exemplo que a seguir transcrevemos dá conta do modo como o texto de Cadilhe interage com o do cronista:

Mas Pigafetta não precisa de exagerar para entreter. Basta que continue, durante páginas, a descrever o que vê: que os patagões fogem da cruz como o diabo – na realidade, vêem na cruz um símbolo do mal; e que, se podem, comem as ratazanas do navio sem sequer as esfolar ou sequer as matar; e que quando se sentem doentes cortam-se e deixam correr o sangue por várias partes do corpo<sup>10</sup>.

Na verdade, a Cadilhe pouco parece importar o encontro com o Outro, o da actualidade. O olhar ocasional lançado sobre os habitantes de Goa, mais do que acentuar a diferença, destina-se a assinalar a identidade com os Portugueses. Mas é excepcional... De resto, o narrador transita de lugar em lugar, sem se deter nas suas gentes, que à distância de séculos já não são as mesmas. Fica a perspectiva, que questiona, da alteridade veiculada por Pigafetta. O europeu do Séc. XXI conhece, aliás, suficientemente bem os preconceitos do homem europeu da época de Magalhães sobre o “não-civilizado”.

Mas Pigafetta foi um viajante privilegiado, diremos. E disso tem noção aquele que o secunda no relato, até na impossibilidade declarada, ainda que o desejasse, de chegar por mar a Paraty, desfrutando da sua soberba beleza. Pôde-o o cronista à altura e no presente apenas os viajantes de iates de luxo.

Já a terminar esta sua viagem, decide Gonçalo Cadilhe fazer

---

<sup>9</sup> *Idem*, p. 118.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

uma incursão inesperada, por Vicenza, terra natal do cronista, nele reconhecendo o notável contributo para a perpetuação da memória do navegador português. A escrita e o caminho de Cadilhe, que por mais do que uma vez se cruzaram com os do italiano, resgatam por breves instantes a memória deste e da sua própria existência, bem conservadas numa casa de família, onde quer a tradição que, depois de regressado da viagem, ele teria inscrito uma placa com os seguintes dizeres cuja aplicação particular se não conhece: “Não há rosa sem espinhos.”<sup>11</sup>

É com este capítulo intitulado “Final não Feliz” que termina o livro e esta biografia itinerante que excede nos seus limites temporais a própria vida do navegador. Apenas, para em jeito de balanço concluir que afinal o feito de Magalhães não teve o impacto merecido nem o devido reconhecimento da Coroa Castelhana. A circum-navegação revelou-se destituída de qualquer sentido comercial, sem conseguir competir com a rota de especiarias portuguesa. A empresa foi desmedida relativamente ao seu investimento.

Um pragmatismo que a pena de Pigafetta não estava preparada para compreender:

Pero la gloria de Magallanes sobrevivirá a su muerte. Adornado de todas las virtudes, mostro inquebrantable constância en médio de sus mayores adversidades. En el mar se condenaba a si mismo a más privaciones que la tripulación. Versado más que ninguno en el conocimiento de los mapas náuticos, sabia perfectamente el arte de la navegación, como lo demostró dando la vuelta al mundo, lo que nadié osó intentar antes que él<sup>12</sup>.

Nem tão pouco a de Cadilhe, ou a de outros, para quem, à luz dos valores culturais do presente, o feito do navegador é igualmente o símbolo da congregação de esforços de vários braços europeus da sua tripulação, num total de 260 homens, cujos nomes uma rede de autarquias prevê serem lembrados na comemoração dos 500 anos da viagem de circum-navegação. “A partir de Magalhães, todas as viagens

---

<sup>11</sup> *Idem*, p. 174.

<sup>12</sup> Antonio Pigafetta, *Primer Viaje en el torno del Globo* (Buenos Aires. México: Espasa Calpe Argentina, S.A., 1946), p. 109.

de exploração limitaram-se apenas a reduzir os limites, a distância e o mistério do mundo, até o tornar na pequena aldeia global em que vivemos hoje<sup>13</sup>.”

Ir no encaço dos passos dos restantes homens que tornaram isto possível, poderia constituir-se como um outro projecto de viagem deixado em aberto à partida de Vicenza.

---

<sup>13</sup> Gonçalo Cadilhe, *Nos Passos de Magalhães, op. cit.*, p.177.